

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAMPUS GOVERNADOR VALADARES
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

Mirian Abreu de Queiroz

**DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE: A VIVÊNCIA INSTITUCIONAL DE
DISCENTES TRANSGÊNEROS NA UFJF**

Governador Valadares

2023

Mirian Abreu de Queiroz

**DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE: A VIVÊNCIA INSTITUCIONAL DE
DISCENTES TRANSGÊNEROS NA UFJF**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Administração na Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Denis Alves Perdigão

Governador Valadares

2023

Mirian Abreu de Queiroz

**DIVERSIDADE NA UNIVERSIDADE: A VIVÊNCIA INSTITUCIONAL DE
DISCENTES TRANSGÊNERO NA UFJF**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Administração na Universidade Federal de Juiz de Fora - Campus Governador Valadares como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovada em (dia) de (mês) de (ano)

BANCA EXAMINADORA

Denis Alves Perdigão - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juliana Goulart Soares do Nascimento - Banca
Universidade Federal de Juiz de Fora

Marina Oliveira Magalhães - Banca
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho a mim que apesar de todas as dificuldades, sempre resisti e permaneci firme e forte.

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão e emoção que dedico este trabalho de conclusão de curso a mim. Este momento representa muito mais do que a culminação de um longo e árduo percurso acadêmico; é o resultado de uma jornada repleta de desafios, superações e transformações profundas em minha vida.

Ao longo dessa caminhada, enfrentei inúmeras dificuldades para me manter na faculdade. Foram momentos de incerteza financeira, obstáculos pessoais e inúmeras provas que, por vezes, quase me fizeram desistir. No entanto, cada vez que me via diante de um obstáculo, encontrava força em meus sonhos e na determinação de realizá-los. Este período de estudos não foi apenas uma fase acadêmica, mas sim um período transformador em minha vida. Cada disciplina, cada professor, cada desafio e vitória contribuíram para meu amadurecimento e crescimento pessoal. A faculdade não apenas me ensinou conhecimentos teóricos, mas também me proporcionou um ambiente de aprendizado humano, onde aprendi a valorizar cada conquista e enfrentar cada adversidade com coragem.

Agradeço a minha namorada Yasmim, que foi o pilar inabalável em meio aos desafios, sempre me incentivando a persistir. Aos amigos, colegas de turma e professores, que compartilharam conhecimentos, experiências e amizades valiosas que levarei para toda a vida. Enfim, este trabalho de conclusão de curso é o reflexo de todo o esforço e dedicação que empreguei para superar as adversidades e trilhar o caminho rumo à realização de um sonho. Com ele, espero contribuir para a ciência e a sociedade, e sei que este é apenas o começo de uma jornada de aprendizado contínuo.

RESUMO

Pessoas transgêneros são aquelas que se identificam com um gênero diferente do sexo que lhes foi atribuído ao nascer. Na sociedade, essas pessoas enfrentam muitos desafios e discriminação em todos os aspectos de suas vidas, incluindo a educação. Segundo a pesquisa realizada em 2018, pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), apenas 0,1% de todas as matrículas do ensino superior público eram representadas por pessoas trans. Este trabalho tem por objetivo geral explicitar, no discurso dos discentes transgêneros matriculados na UFJF, elementos expositivos que indiquem como é a inclusão destes alunos e alunas no ambiente universitário. Para o objetivo específico, buscamos identificar como a universidade se prepara para receber os discentes transgênero e entender a qualidade da vivência institucional desses discentes. Este trabalho caracteriza-se por ser de natureza exploratória com abordagem qualitativa sendo feita através de pesquisa para embasamento teórico e da análise de entrevistas de discentes transgêneros da UFJF que compõe o projeto de pesquisa de maior porte, coordenado pelo Prof. Dr. Denis Alves Perdigão, orientador deste TCC, denominado: Um(a) estranho(a) no ninho? A trajetória de discentes transgêneros nas universidades federais mineiras. A presença de estudantes transgênero nas universidades é um avanço em inclusão e diversidade, mas eles ainda enfrentam discriminação e preconceito. É necessário implementar ações afirmativas, como capacitação em gênero e identidade de gênero para professores e funcionários, e criar um Comitê de Diversidade e Inclusão. Bem como workshops de sensibilização, política de acesso igualitário, apoio psicológico, grupos de apoio, monitoramento contínuo e sistema de cotas internas. Essas ações fortalecem uma cultura de inclusão e respeito na universidade, demonstrando compromisso com a igualdade de oportunidades. É importante realizar mais estudos para entender os desafios enfrentados pelas pessoas transgênero e combater o preconceito e a violência na sociedade.

Palavras-chave: Pessoa transgênero; Universidade; UFJF; Diversidade; Permanência.

ABSTRACT

Transgender people are those who identify with a gender different from the sex they were assigned at birth. In society, these people face many challenges and discrimination in all aspects of their lives, including education. According to research carried out in 2018, by the National Association of Directors of Federal Higher Education Institutions (Andifes), only 0.1% of all enrollments in public higher education were represented by trans people. This work has the general objective of explaining, in the speech of transgender students enrolled at UFJF, expository elements that indicate how these students are included in the university environment. For the specific objective, we seek to identify how the university prepares to receive transgender students and understand the quality of these students' institutional experience. This work is characterized by being exploratory in nature with a qualitative approach being carried out through research for theoretical basis and the analysis of interviews with transgender students at UFJF that make up the larger research project, coordinated by Prof. Dr. Denis Alves Perdigão, supervisor of this TCC, called: A stranger in the nest? The trajectory of transgender students at federal universities in Minas Gerais. The presence of transgender students at universities is a step forward in inclusion and diversity, but they still face discrimination and prejudice. It is necessary to implement affirmative actions, such as gender and gender identity training for teachers and staff, and create a Diversity and Inclusion Committee. As well as awareness-raising workshops, equal access policy, psychological support, support groups, continuous monitoring and an internal quota system. These actions strengthen a culture of inclusion and respect at the university, demonstrating commitment to equal opportunities. It is important to carry out more studies to understand the challenges faced by transgender people and combat prejudice and violence in society.

Keywords: Transgender, University, Permanence.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Pessoas Trans homenageadas e breve história de vida.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
TRANS	Transgênero
ANTRA	Articulação Nacional de Travestis e Transexuais
ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
RU	Restaurante Universitário

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3	METODOLOGIA	16
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	16
4	RESULTADOS E ANÁLISES	21
4.1	PROCESSO DE DESCOBERTA COMO PESSOA TRANSGÊNERO E TRANSIÇÃO	21
4.2	ESTRUTURA DA UFJF EM RELAÇÃO AO ACOLHIMENTO DE DISCENTES TRANS	31
5	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Segundo o estudo realizado pela Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (FMB/UNESP), cerca de 1,9% da população adulta, no Brasil, aproximadamente 4 milhões de pessoas, é transgênero e não binário (FARIAS, 2023). Dessa forma, pressupõe-se que uma série de medidas devam ser adotadas para que esse público seja acolhido em suas demandas e especificidades no espaço da universidade pública. Sendo assim, este trabalho discutirá a respeito da trajetória de pessoas transgêneros na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Pessoas transgêneros são aquelas que se identificam com um gênero diferente do sexo que lhes foi atribuído ao nascer. Na sociedade, essas pessoas enfrentam muitos desafios e discriminação em todos os aspectos de suas vidas, incluindo a educação, pois enfrentam dificuldades em relação ao uso do banheiro, na lista de presença que circula durante as aulas e, também, em relação ao tratamento por parte dos servidores.

Segundo a pesquisa realizada em 2018, pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), apenas 0,1% de todas as matrículas do ensino superior público eram representadas por pessoas trans. Então, isso revela que há uma disparidade na Educação Básica entre o número de pessoas não binárias e transgênero que existem na sociedade brasileira em virtude das que ingressam de fato no ensino público. A Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil, realizada em 2016, pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, por meio de um questionário aberto, envolvendo estudantes maiores de 13 anos matriculadas/os no ensino fundamental, informa que: aproximadamente 60,2% das/os estudantes LGBT se sentem inseguras/os na escola em razão de sua orientação sexual, à medida que 42,8% se sentem inseguras/os em razão de sua expressão de gênero. Nessa conjuntura, identificamos que esse espaço responde de forma hostil às diferenças que não se enquadram no padrão socialmente imposto (GUIZZO; FELIPE, 2015).

Miranda (2010) destaca que as ações de intolerância na escola podem resultar na exclusão de determinadas/os estudantes. Nas palavras da autora, a discriminação

é uma conduta dissipada em diversos campos da vida social que viola o direito das pessoas e pode ser considerada desde piadas até formas de tratamento e exclusão explícita ou velada.

Todas as políticas, em sua propriedade, possuem seus aspectos relevantes e simbolizam grandes marcos para a história de lutas traçadas pelas pessoas transgênero. No que diz respeito aos órgãos e as entidades da administração pública federal direta, autárquica e fundacional, evidencia-se a Lei N 8.727 do ano de 2016, que propõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Entretanto, apesar da Legislação Brasileira vigorar essa lei, ainda existem barreiras relacionadas à discriminação e preconceito, que marcam as relações sociais.

Diante do exposto, o estudo possui a intenção de amplificar as discussões sobre o assunto abordado e pretende contribuir para o avanço da conscientização da sociedade brasileira em relação às pessoas transgênero. Ademais, pretende-se elucidar o quanto essa minoria necessita de visibilidade e representatividade dentro de todos os âmbitos sociais.

Esta pesquisa tem por objetivo geral explicitar como é a inclusão dos alunos transgêneros no ambiente universitário da UFJF. Como objetivos específicos, buscou-se, identificar como a universidade se prepara para receber os discentes transgêneros e entender a qualidade da vivência institucional desses discentes.

O estudo será explicitado em cinco partes, sendo a primeira, a introdução, no qual a pesquisa foi contextualizada e o problema de pesquisa e objetivos apresentados. Em continuidade, o referencial teórico, conceituando sobre as pessoas transgênero e suas diferentes exclusões praticadas pela sociedade, além das barreiras enfrentadas por essas pessoas. A terceira parte descreve o método empreendido para o atingimento dos objetivos. Os resultados encontrados serão discutidos seguidamente e, por último, as conclusões sobre a pesquisa, ressaltando a relevância de suas descobertas, bem como suas limitações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para contextualização do conceito identidade de gênero, será utilizado o guia técnico intitulado *Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos*, de Jaqueline Gomes de Jesus (2012), visto que detém informações sobre identidade de gênero de forma clara e intuitiva. De acordo com Jesus (2012), somos ensinados, desde a infância, a agir e a ter uma determinada aparência, conforme o nosso sexo biológico. Isto significa que é considerado homem se tiver pênis e mulher se possuir vagina. O sexo é entendido como biológico e gênero como identidade social. Isso implica dizer que o gênero está para além do sexo. O que importa é a autopercepção e a como a pessoa se expressa na sociedade. Contudo, a diferença entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o seu nascimento, meninos e meninas são instruídos a agir conforme são identificados, a desempenharem um papel em consonância com o gênero apropriado.

Nas palavras de Jesus (2012), presentemente, entende-se que vivência de um gênero, dissonante do que se esperaria de alguém de um determinado sexo, é um assunto de identidade, não transtorno. Esse é o caso de pessoas transgênero, ou mais popularmente conhecidas como “trans”. Segundo Jesus (2012), em termos de gênero, todos os seres humanos podem se identificar como transgênero ou cisgênero. Atribuímos o termo cisgênero ou “cis”, a pessoas cujo gênero corresponde ao que lhe foi atribuído no nascimento em correspondência ao sexo. Pessoas não cisgênero ou transgênero são aquelas, cujo gênero com o qual se identificam destoa daquele que a sociedade tenta impor em relação a eles, a partir do sexo biológico. Portanto, para as pessoas transgênero, há dissonância entre o sexo e o gênero com o qual se identificam e se entendem enquanto indivíduos.

Segundo Vergueiro (2015), muitas pessoas transgênero são obrigadas a passar por questões de visibilidade e invisibilidade cotidianamente. Essa visibilidade significa que, na maioria das vezes, essas pessoas são alvo de ridicularização e estranhamento em relação a estética, vestimenta, modo de andar e falar, fazendo com que a invisibilidade acabe se tornando o objetivo dessa população. Invisibilidade na qual se trata de agir nos padrões da sociedade cis heteronormativa. Os empenhos para manter essa invisibilidade/passabilidade possuem vários desafios. Vergueiro (2015), por ser uma mulher trans, declara que passa por esses desafios em sua

vivência pessoal. Essa autora diz que, em regra, as questões visuais e estéticas são envolvidas por “formas corporais, vestimentas, expressões ‘generificadas’, i.e., às quais se atribuem gêneros—, sonoras— tom, timbre, vocabulário— ou institucionais— como documentação, acesso a recursos, entre diversas outras” (VERGUEIRO, 2015, p.214). São praticadas constantemente violências psicológicas, físicas e simbólicas. Em diversas situações e temporalidades, essas questões são capazes de definir, a diferença entre o apreço enquanto ser humano e o desprezo de uma parte inerente à nossa humanidade pessoal, a identidade de gênero. Como aponta Jesus (2012), o termo “transfobia” tem sido utilizado para se referir, de forma geral, a preconceitos e discriminações sofridas pelas pessoas transgênero.

De acordo com o *Dossiê Assassinatos e Violências Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2021*, realizado pela autora Bruna G. Benevides e pertencente a Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), ocorreram 140 assassinatos no ano de 2021, em comparação com o ano de 2008, onde a ONG Transgender Europe (TGEU) deu início ao monitoramento global que apresentou o número mais baixo dos casos relatados, sendo 58 assassinatos revelando, então, um aumento expressivo de 141%. O Dossiê ainda apresenta que a expectativa média de vida da população transgênero é de 35 anos.

O direito à vida das pessoas transgênero, na sociedade brasileira, é ameaçado diariamente. A exclusão de espaços é extrema, onde não existe acesso a direitos básicos e nem ao menos o reconhecimento de sua identidade. De acordo com Pedra (2020), existem sete tipos de exclusões vivenciadas por pessoas transgênero, as quais são: econômica, laboral, formativa, sócio sanitária, urbano-territorial, relacional e política/de cidadania. Introduzindo de forma breve, a exclusão econômica ocorre com travestis e transexuais pela falta de oportunidade no mercado de trabalho, pela transfobia, e o que resta é o exercício da prostituição como atuação profissional informal, para gerar renda e garantir a sobrevivência dessa população. A exclusão laboral provém da ausência de vontade das empresas e marcas de se vincularem suas imagens a pessoas que não se encaixam no padrão de gênero conhecido pela sociedade, o que, como consequência, levam transgêneros a se envolverem com prostituição e até mesmo a prática de pequenas infrações. A partir dessas percepções, as consequências que intensificam a exclusão, são o desemprego e a instabilidade ocupacional.

Ainda segundo Pedra (2020), a exclusão formativa, a qual terá mais foco nesta tese, acontece na escola, onde alunos jovens e adolescentes LGBTQIAP+ sofrem desde agressões verbais até agressões físicas, resultando em um desempenho baixo nas notas e até mesmo a desistência de estudar. Conforme Pedra (apud Junqueira, 2016, p. 119), ambientes escolares que produzem e alimentam discriminações tendem a comprometer o rendimento escolar dos alunos discriminados.

Como aponta Pedra (2020), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) (subseção Mato Grosso), realizou a publicação de uma pesquisa nacional em 2016 que apontava um índice de 82% de evasão escolar de travestis e transexuais. Na exclusão sócio sanitária, questões como depressão, ansiedade, desânimo e uso de drogas são causadas pelas repressões praticadas pela sociedade. Além disso, a crescente vontade de realizar procedimentos cirúrgicos visando transformar o corpo em uma compreensão de si, pode custar muito caro e fazer com que essas pessoas procurem por procedimentos clandestinos mais baratos e perigosos, que podem levar até mesmo à morte. A exclusão urbano-territorial se relaciona a processos diversos de separação de pessoas transgênero no que se diz à conquista dos espaços. Uma grande quantidade de pessoas transgênero situam-se, atualmente, em situação de rua pela falta de acesso a uma moradia. A exclusão relacional tem início na família, onde planeja a trajetória da criança após o nascimento e quando o idealizado não se cumpre, as violências verbais e até físicas se manifestam, trazendo como consequência, sofrimento mental às pessoas transgênero e ao abandono ou expulsão familiar precoce, na adolescência. Por fim, a 7ª exclusão, política/de cidadania, trata da falta de inclusão das pessoas transgênero dentro do movimento LGBT e a dificuldade da organização do mesmo, visto que a prioridade delas é a sobrevivência. Essa sobrevivência é resultado de muita luta, pois o Brasil, no presente, é o país onde se têm maiores ocorrências de assassinatos de travestis e transexuais de acordo com o levantamento realizado pela ONG internacional *Transgender Europe*.

Os sonhos de conseguir ingresso, aceitação e permanência dentro de uma universidade é constante nos discursos de pessoas trans.

É importante considerar que as questões relacionadas à “democratização” da educação superior em anos recentes entraram fortemente na agenda das políticas públicas. É possível supor que uma parcela da população trans tenha sido favorecida pelas políticas de ampliação ao acesso universitário para a população de baixa renda, criadas pelo Governo Federal a partir de 2007. O Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das

Universidades Federais (Reuni), o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), e a adoção do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), incluindo, nesse último, as políticas de acesso por meio de cotas sociais e étnico-raciais, foram medidas governamentais que geraram maior acesso de estudantes de origem popular à universidade pública (SCOTE; GARCIA, 2019, p.10).

Pensando nisso, a deputada federal Erika Hilton anunciou em sua rede social a introdução de um projeto de lei que pretende implementar um sistema de cotas para pessoas transgênero, transexuais e travestis em institutos e universidades federais do Brasil (ISMERIM, 2023). As cotas auxiliam no ingresso no ambiente acadêmico, mas a permanência ainda dependerá de políticas públicas internas e externas.

A pesquisa intitulada, *Vivência de Pessoas Transgênero na Universidade*, de Viana et al. (2021), realizada por meio de entrevistas com pessoas trans, revelou que o ingresso na universidade coincidiu com o processo de assumir a identidade de gênero, por meio das mudanças corpóreas e performativas. Os entrevistados relataram que tiveram dificuldades de se autoafirmarem no espaço universitário, pelo medo do julgamento e a preocupação com a passabilidade. Além disso, os estudantes transgêneros apontaram questões relacionadas à saúde mental, o que arrisca suas experiências na universidade. As dificuldades de coabitação nos diversos espaços acadêmicos foram marcadas pelo ambiente universitário transpassado pela heteronormatividade e transfobia, o que foi capaz de criar sentimento de insegurança e não pertencimento.

Os estudantes alegaram também sofrer preconceito velado, como o recebimento de insultos através de falas, impedimento de participação em atividades acadêmicas e esportivas alegando a falta do exame hormonal de sangue e o uso do banheiro. Em meio a um cenário de inseguranças e medo, a normatização do uso do nome social, trouxe uma oportunidade de discentes exercerem sua cidadania, mas apesar disso, a sensação de impotência perante a falta de conhecimento dos professores e funcionários, sensação de invisibilidade e resistência ao uso do nome social, dificultaram a permanência na universidade e prejudicaram a introdução de discentes trans em alguns ambientes e atividades acadêmicas. Foi estabelecida no Brasil a obrigatoriedade da utilização do nome social em instituições de educação no ano de 2015 pelo Diário Oficial da União (DOU), através da resolução Nº 12, do dia 16 de janeiro. Não obstante, o não cumprimento dessa legislação foi demonstrado através dos depoimentos dos estudantes trans.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização do estudo

Pretende-se neste trabalho responder à questão norteadora: "A Universidade Federal de Juiz de Fora está preparada para incluir adequadamente o discente transgênero em seu ambiente acadêmico?". A partir dessa questão, o trabalho tem como objetivo geral de entender, no discurso dos discentes transgêneros matriculados na UFJF, elementos expositivos que indiquem como é a inclusão destes alunos e alunas no ambiente universitário. Como objetivos específicos, buscamos identificar como a universidade se prepara para receber os discentes transgênero e entender a qualidade da vivência institucional desses discentes através dos relatos de suas experiências no ambiente acadêmico.

Esta pesquisa, caracteriza-se por ser de natureza exploratória, que, segundo Mattar (2014), pretende fornecer ao pesquisador maior entendimento sobre o tema ou problema de pesquisa. Por esse motivo, é adequada para as primeiras fases da investigação, quando o pesquisador não possui suficientemente familiaridade, conhecimento e compreensão do fenômeno.

No que se refere à abordagem, a pesquisa classifica-se como de natureza qualitativa, que, para Malhotra (2019), é caracterizada por não ser estruturada, de natureza exploratória e fundamentada em pequenas amostras, sendo capaz de utilizar técnicas qualitativas conceituadas, como grupo focal (entrevista em grupo), associações de palavras (solicitar aos entrevistados que apontem suas primeiras respostas a palavra de estímulo) e entrevistas em profundidade (entrevistas realizadas de forma individual que analisam em detalhes os pensamentos dos entrevistados).

Segundo Flick (2004), os conceitos centralizados que direcionam a pesquisa qualitativa se diferem daquelas utilizadas na pesquisa quantitativa. Para o autor, as perspectivas essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha certa de métodos e teorias pertinentes, no reconhecimento e na análise de diferentes interpretações, nos pensamentos dos pesquisadores sobre sua pesquisa como parte

do procedimento de produção de conhecimento, e na diversidade de abordagens e métodos.

Quanto aos meios, a presente pesquisa adotará o estudo de caso, que representa uma estratégia adotada quando se colocam questões da natureza "como" e "porque", quando se tem pouco controle sobre os acontecimentos e em que momento o foco se encontra em fatos atuais introduzidos em alguma conjunção da vida real, Yin (2001). "Como método de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados" (YIN, 2015, p. 4).

O presente Trabalho de Conclusão de Curso integra um projeto de pesquisa de maior porte, coordenado pelo Prof. Dr. Denis Alves Perdigão, orientador deste TCC, financiado pela FAPEMIG, denominado: *Um(a) estranho(a) no ninho? A trajetória de discentes transgêneros nas universidades federais mineiras*. A pesquisa do orientador possui o objetivo de

descobrir, no discurso dos discentes transgêneros matriculados em universidades federais instaladas no estado de Minas Gerais, elementos narrativos que apontem para a efetividade ou não da inclusão destes alunos e alunas no ambiente universitário, bem como examinar se a formação superior recebida no âmbito destas universidades é suficiente para romper com as barreiras impostas pelo preconceito social, promovendo a inserção destes discentes no mercado de trabalho em suas respectivas áreas de formação.

Para a coleta de dados optou-se por realizar entrevistas semiestruturadas. A Entrevista é uma modalidade de comunicação amplamente utilizada, caracterizada pela sua estrutura deliberada e seu propósito sério. É possível fornecer e receber informações, buscar emprego ou recrutar funcionários, retificar o comportamento de outro indivíduo ou até mesmo convencer ou ser convencido, orientar ou buscar orientação. Características com interações breves, conversas sociais, pequenos grupos e apresentações são compartilhadas nas entrevistas (STEWART; CASH, 2015).

A entrevista semiestruturada, enquanto instrumento para a coleta de dados, constitui-se em um roteiro de assuntos ou perguntas norteadoras, de forma que quem está entrevistando possui a liberdade de fazer outras perguntas para explicitar conceitos ou conseguir mais informações sobre os temas desejados. Isto é, nem todas as perguntas são predeterminadas (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Os participantes da pesquisa são discentes transgênero matriculados na UFJF, de qualquer curso de graduação presencial e sem restrições de idade. Para conseguir proximidade com os entrevistados, foi utilizado o WhatsApp para um primeiro contato em seguida de um convite para a participação do estudo e posteriormente com os aceites, as entrevistas foram realizadas via videoconferência. A partir dos dados coletados das entrevistas, foram efetuadas transcrições para prosseguir com a análise semântica do discurso, ou seja, detectar o que desejaram transmitir por meio das falas. Para preservar a identidade dos entrevistados, foram utilizados nomes de pessoas trans importantes para o movimento LGBTQIAP+ como forma de homenagem. Conforme tabela abaixo:

Tabela 1 - Pessoas Trans homenageadas e breve história de vida.

Nome	Breve história de vida
Marun Reis	Marun Reis é uma pessoa trans não-binária brasileira que se destaca como ativista e dublador. Com uma carreira de 20 anos no mercado, recentemente chamou a atenção ao dublar Elliot Page na 3ª temporada de 'The Umbrella Academy', série de sucesso.
Laerte Coutinho	Laerte Coutinho é uma renomada cartunista e chargista brasileira. Em 2010, assumiu sua identidade de gênero feminina e tornou-se uma das figuras públicas trans mais conhecidas do país, desafiando estereótipos.
Tarso Brant	Tarso Brant é um ator e modelo brasileiro, conhecido por seu trabalho na TV e no cinema. Ele também é ativista trans e tem sido um defensor ativo da inclusão e do respeito às pessoas trans na sociedade.

Erica Campos	Dra. Erica Campos é uma médica trans brasileira especializada em Otorrinolaringologia e Laringologia, com foco em Mudança Vocal. Ela escolheu direcionar uma parte significativa de sua carreira à prática da cirurgia de glotoplastia no Brasil. Seu objetivo é criar um ambiente mais inclusivo e aliviar o fardo que muitas pessoas trans carregam, abrindo caminhos para uma vida mais leve e autêntica.
Liniker	Liniker é uma mulher trans e uma das vozes mais presentes do movimento. A cantora também se posiciona a respeito da importância de uma pessoa trans e negra ter visibilidade na mídia. Ela diz que sua arte é uma forma de resistir e existir.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Para a análise do corpus, resultante das entrevistas, será utilizada a análise semântica de discurso. É uma abordagem teórico-metodológica que busca compreender como os discursos são construídos e como eles produzem significados e efeitos de sentido (Sousa et al., 2021).

Uma das principais ferramentas utilizadas na Análise do Discurso é a Semântica, que estuda o significado das palavras e como elas se relacionam entre si (Vieira & Brito, 2022).

Cabe explicar o uso da linguagem não binária (LNB), objetivando o respeito às pessoas transgênero não binárias e o uso de seus pronomes. A linguagem não binária visa romper com o binarismo imposto pela Língua Portuguesa, buscando a desconstrução de gênero nas formas falada e escrita (LAU, 2017).

“Ressalta-se a importância do movimento não-binário como uma potência criativa para a resignificação de entendimentos e conceitos aprisionantes, bem como uma posição de resistência” (PADILHA; PALMA, 2017). Assim, Lau (2017) explica que o pronome “elu” foi adotado como um pronome neutro por pessoas não binárias como um ato político que repudia o binarismo do nosso idioma. A utilização de “@” ou “x” para substituir as letra ‘o’ e ‘a’ na desinência de gênero das palavras também surgiu como um gesto para evidenciar a neutralidade de gênero. Porém, esse uso é mais fluido na escrita, dificultando a fala e a conversão de texto para áudio usada por

deficientes visuais (LAU, 2017). Há, ainda, o uso do ‘e’ para desmarcar a desinência de gênero nas palavras, como usar “cansade” no lugar de “cansado” ou “cansada”.

Com isso, partimos para um melhor entendimento da linguagem não binária, assim como sinalizamos o respeito a essas pessoas.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

4.1 Processo de descoberta como pessoa transgênero e transição

Neste tópico, discute-se o processo de descoberta dos discentes enquanto pessoas transgênero e seu processo de transição. Nesta seção, os discentes dissertam sobre suas jornadas de auto exploração, autodescoberta e aceitação da identidade de gênero.

[001] “Eu já me sentia bem perdido nessa época, minha mãe assim, nunca me forçou muito, igual eu falava. Você me deu algumas liberdades. É, tipo, brinquedo e etc. Eu não falava, ah eu só gostava de brincar de carrinho, eu gostava de brincar de coisas de menina também, coisas de menino e etc. Só que tinha uma coisa que, eu não sei, eu não me lembro muito bem, o estilo assim, eu via, eu queria usar, eu via os meninos com aquela roupa e eu queria usar aquela. É, o cabelo também, os brinquedos, mas eu já sabia que era errado, alguma coisa em mim dizia que era errado, mas eu queria e tudo que eu via, que eu gostava, era de menino, então, meio que eu pedia, a minha religião era católica, meio que eu pedia assim pra Deus, para me fazer menino, para eu poder usar as coisas que eles usam, sabe? Porque eu sabia que menor o conhecimento que eu tinha quando eu era criança, eu já sabia que era errado, o que eu gostava, sabe? Então, e gostar de menina também, eu sabia que era errado” (Marun).

[002] “É, a questão de gênero na minha vida começou muito cedo, mas eu nunca tive muita, assim curiosidade, né? Eu acho que não é muito citado. Agora é, acho que é uma coisa que as pessoas já discutem mais tanto na adolescência, né? Mas antes não era, e meio que isso ficou apagado na minha vida por um tempo, até eu entrar na universidade, não sei o conhecimento e tal e a liberdade que a gente tem, fez eu ter essa oportunidade de me libertar e conhecer quem eu sou” (Marun).

No fragmento discursivo [001], Marun menciona que seu interesse por questões de gênero foi despertado de uma forma precoce. Porém, ressalta que essa temática não era amplamente discutida na época. Esse aspecto sugere que a conscientização e o diálogo sobre gênero evoluíram ao longo dos anos, especialmente na adolescência, onde o tema se tornou mais presente nas discussões sociais.

Uma vez que Marun ingressou na universidade, ele destaca o papel fundamental do conhecimento adquirido e da liberdade proporcionada nesse ambiente. Esses fatores permitiram que ele se libertasse e explorasse sua identidade

de gênero de maneira mais autêntica. Essa constatação ressalta a importância do ambiente acadêmico, como um espaço propício para o conhecimento, para o autoconhecimento e a busca pela própria identidade.

No entanto, é importante ressaltar que Marun não teve a oportunidade de vivenciar sua identidade de gênero pessoalmente na universidade, uma vez que, devido às medidas de isolamento social relacionadas à pandemia por COVID-19, estava estudando na modalidade de ensino a distância quando ocorreu a descoberta de sua identidade.

Por fim, Marun destaca a experiência positiva de se expressar e interagir com sua identidade de gênero por meio das ferramentas online. Essa perspectiva sugere que as tecnologias digitais desempenham um papel relevante na promoção da inclusão e da visibilidade de diferentes identidades de gênero, permitindo que indivíduos encontrem comunidades e apoio mesmo em contextos educacionais remotos.

No geral, a análise das falas evidencia a importância do ambiente acadêmico na formação e expressão da identidade de gênero, bem como as barreiras enfrentadas pelos indivíduos em relação à vivência plena dessa identidade. Além disso, ressalta-se o potencial das plataformas online como ferramentas de empoderamento e conexão para pessoas que se identificam fora das normas de gênero tradicionais. Esses *insights* podem contribuir para uma reflexão mais ampla sobre as experiências vivenciadas por indivíduos transgênero no contexto acadêmico e a importância de políticas e práticas inclusivas.

[003] “Eu entrei na faculdade de direito antes de me entender enquanto uma pessoa trans, esse processo aconteceu enquanto eu era estudante de lá. (Tarso)

[004] “Essa experiência que eu tive, né? De adotar um novo nome, me assumir, mesmo assim dentro da faculdade de direito, foi bem conturbado. Primeiro porque eu não tinha muitas referências de pessoas trans, no meu convívio assim, sempre foi muito escasso, né? Até esse momento, eu também estava passando por um período de instabilidade psicológica muito complicada. Eu estava tratando depressão, ansiedade, coisas afins, e aí foi uma coisa muito solitária, né? Essa trajetória é 100% solitária, mas neste momento, assim, eu experienciei uma solidão aterrorizante, porque não tinha muitas pessoas com quem falar sobre isso, né? Só mais tarde que eu fui ter acesso a grupos de pessoas trans para trocar ideia, né? Conversar sobre as vivências e tudo mais, e aí nesse momento que eu estava na faculdade de direito em 2017 (...), eu me assumi trans. Comecei como homem trans, na época eu adotava essa identidade assim, não tinha muita consciência a respeito desses assuntos. Então, para mim se eu não era uma mulher cis, eu era um homem trans, aí fiquei nessa por um tempo, tive um apoio de um amigo

assim que é cis, mas ele, né? Muito amigo meu, me apoiou bastante, para mim sempre foi difícil de entender essas questões de gênero por serem muito abstratas, eu sou autista e era muito assim fora da minha realidade, isso me causava também muita angústia, por que ao mesmo tempo que eu não entendia, eu sabia que não me encaixava naquilo dali, mas eu também não sabia para onde ir e tinha essa cobrança, né? De você se denominar alguma coisa assim até mesmo para mim mesmo (Tarso).

No fragmento discursivo [004], A partir da análise desses trechos, é possível traçar alguns aspectos relevantes do processo de descoberta da identidade transgênero:

- Isolamento e solidão: muitas pessoas transgênero relatam se sentir isoladas e solitárias durante o processo de descoberta de sua identidade. Isso pode ser devido à falta de referências, à falta de apoio social e à presença de preconceito e discriminação.
- Dificuldade de compreensão: as questões de gênero podem ser complexas e abstratas, o que pode dificultar a compreensão da própria identidade transgênero.
- Angústia e sofrimento: o processo de descoberta da identidade transgênero pode ser um processo doloroso e angustiante. Isso pode ser devido à dificuldade de aceitação da própria identidade, à falta de apoio social e à presença de preconceito e discriminação.

[005] “Eu tinha um jeito muito diferente e era muito difícil de esconder e isso ficou muito aparente. Eu nem me entendia como trans na época, mas por mais que eu tentasse, vamos dizer assim, esconder por uma questão de sobrevivência mesmo, não era possível, né?” (Laerte)

[006] “A minha mãe, ela não sabia lidar com a situação, né? Eu assim, eu fui muito ameaçado por ela, eu dormia com faca debaixo do travesseiro, já fiquei em cárcere privado e durante todo esse tempo, né? A minha família achava normal, né? Hoje eu tenho contato só com dois parentes, né? Que eu tenho contato porque eu quero, dois parentes biológicos, mas mesmo assim, até hoje eles acham normal o que aconteceu, todo mundo viu, a minha mãe ela já tentou me internar em clínica psiquiátrica, ela já me levou para psicóloga para realizar a cura gay, ela me levou pra pastora fazer uma reza em mim, entendeu? Então, assim, já foi todo tipo de coisa, ela me batia, ela já tentou me enforcar e tudo mais, então foram diversas situações assim, eu nunca de fato assim me assumi, né? Eu só assim, foi algo que ficou muito aparente e ela não soube lidar, que aí iniciou todo esse processo, né?” (Laerte)

No excerto [006] Laerte revela a dolorosa experiência vivida em relação à sua identidade de gênero e o conflito enfrentado com sua família. A narrativa destaca a falta de compreensão, o preconceito e a violência emocional e física

enfrentados por ele. Esse relato, pode servir como base para uma reflexão mais ampla, sobre a importância do apoio familiar, a necessidade de educação, conscientização sobre identidade de gênero, além da urgência de proteger os direitos e a segurança das pessoas trans em ambientes familiares e sociais.

A “cura gay”, citada por Laerte, é definida por Gonçalves (2019, p. 175) como um “debate público incitado inicialmente por atores sociais ditos religiosos sobre a possibilidade de reorientação da homossexualidade em direção à heterossexualidade por meio de programas psicoterapêuticos e conversão religiosa”. A partir desse discurso, o Conselho Federal de Psicologia se posicionou e proibiu seus profissionais de compactuarem com essa proposta e de sugerir qualquer tratamento para a cura da homossexualidade, estabelecendo essa pauta na Resolução nº 1, de 22 de março de 1999, que sofreu tentativas de inutilização por diversas propostas parlamentares (GONÇALVES, 1999). Essa abordagem da “cura gay” fere os direitos humanos de indivíduos, visando reestruturar tanto a noção de direitos humanos quanto a quem esses direitos se destinam, configurando num retrocesso da humanidade, promovendo o preconceito e colocando a comunidade LGBTQIA+ à margem da sociedade.

[007] “O primeiro ano do ensino médio tipo, o meu primeiro ano ele foi bem assim, como posso dizer tipo, como eu falei, eu estudei nesse colégio que chama academia de comércio, né? Que é um colégio bem religioso de padres e tal, então a gente tinha, ele é bem mais rigoroso com coisas em questão de autoexpressão, né? E até com coisas simples assim tipo uniforme, que você tinha a camisa e se você fosse uma menina por exemplo você não podia usar nada além de calça jeans, você não podia usar uma saia, não podia usar nem short, você podia até usar bermudas, mas não short e mesmo as pessoas usassem bermuda tinha gente que implicava, sabe? A galera que toma conta, aí eu fui para esse outro colégio no ensino médio que ele era bem mais liberal, porque ele justamente, porque ele vinha de um histórico de ser um cursinho, né?” (Liniker)

[008] “Mas já era muito diferente do meu colégio anterior e aí no meu primeiro ano eu cheguei e foi um período em que assim, até esse ponto eu diria que era uma pessoa com uma autoestima bem baixa assim (...), mas aí eu usava muito, tipo, só moletom, não interessa, podia estar fazendo 30 graus, moletom e calça jeans e eu tinha muito problema com meu cabelo que já aí já é uma outra questão de cabelo cacheado e tal toda essa aceitação, mas também aí eu só botava tudo numa touca e sei lá me sentia desconfortável em geral na minha vida, na minha aparência, em tudo, né? E aí o primeiro ano foi um ano que eu cheguei e falei, eu vou performar feminilidade, entendeu? Foi um ano em que eu resolvi que eu ia usar muitas saias e muitas coisas, que eu tinha essa liberdade, eu podia usar coisas tipo laços e adereços no cabelo e coisas assim e sapatos coloridos e todas essas coisas, e o primeiro ano foi um ano que eu fui muito assim, usei muita saia, muita coisinha fofinha e eu realmente falei eu vou performar feminilidade.” (Liniker)

[009] “Mas aí chegou um ponto (...) em que eu percebi que eu continuava me sentindo desconfortável e que eu... eu me sentia como se eu tivesse forçando algo que não era eu e criando toda uma coisa que não era eu, entende? E aí, foi uma época que eu vi na internet sobre coisas de transexualidade em geral e tinha um canal específico de um menino que ele é trans, ele é tipo, a gente chama de trans binário porque ele é tipo, um homem trans. Mas aí foi uma época que eu eu conheci, esse, ele era um youtuber, né? Ele tinha um canal no YouTube e ele falava sobre as experiências dele como um homem entre trans e eu me identifiquei muito, com muitas coisas que ele falava e tipo coisas assim, desde coisas pequenas tipo, porque eu tava, que eu não quero deixar, dizer como pequeno, mas coisas o que eu tava passando na época de vestir coisas fofas e coisas bonitinhas e não me identificar, até coisas mais complexas de disforia e tal, com o próprio corpo, mas aí, a partir desse momento foi uma época, começou uma época em que eu me identifiquei como um homem trans, eu me identificava como um homem trans e eu assim, eu vejo assim, como essa época uma parte do processo que levou para eu chegar onde eu tô agora, entende? (Liniker)

[010] “E aí eu passei por essa época em que eu me identificava como homem trans e aí eu cortei o cabelo e fiz várias mudanças assim em geral na forma como eu me vestia, na forma como eu agia, na forma como eu pensava assim e essa época de eu acho que durou até metade do meu terceiro ano, tive tempo todo como identificação com uma pessoa, um homem trans e aí a partir daí foi o momento que eu percebi assim que eu gostava de onde eu tava, eu gostava de como eu me sentia tipo de uma forma masculina, mas ao mesmo tempo não me sentia 100% e mesmo naquela época por mais que eu fosse ativa em questões de militância e coisas assim, eu não sabia muito sobre não binário, entendeu? Eu não conhecia muito sobre e eu só sabia que existia, era uma coisa que algumas pessoas eram, mas aí eu tinha um amigo, tinha não ainda tenho, né? Tenho amigo que ele é não binário, se considera não binário e eu lembro que eu conversei com ele sobre coisas que eu tava sentindo e ele me contou um pouco sobre o que ele sentia também e eu falei, poxa isso parece muito com o que eu tô passando agora, entendeu?” (Liniker)

[011] “E aí eu fiz mais como experimento assim, sabe? Vou ser uma pessoa não binária por um tempo assim, digamos, e foi algo que assim foi muito legal para mim, eu percebi que era assim, o que estava faltando, entendeu? Porque para mim tinha muita questão de que eu me sentia como um homem assim, entre aspas na época que eu me considerava um homem trans, mas ao mesmo tempo tinha várias coisas de sobre ser mulher, sobre estar dentro do gênero feminino que eu amava e que eu não queria deixar para trás e coisas que que tinham sobre ser do gênero masculino que eu também amava eu não queria e queria ter para mim e assim, e quando eu falo isso não tô nem querendo dizer coisas tipo roupas tipo, ai quero usar saia ou ai não quero usar saia, eu acho que é uma coisa é bem mais complexa de tipo, não sei eu acho que eu vou usar como exemplo uma coisa que é simples que eu acho que coisas complexas são justamente complexas de explicar, mas por exemplo, pronomes, eu gosto dos pronomes femininos e eu gosto dos pronomes masculinos por isso que eu falo assim, para mim tanto faz, pode me chamar como quiser, mas é uma coisa assim, eu gosto que me chame pelo feminino, mas eu também gosto muito que me chame pelo masculino, então assim, eu acho que uma coisa pequena tipo pronome assim, ela esconde por trás toda uma coisa de que no fundo eu gosto que as pessoas olham para mim e me percebem de uma forma feminina, assim como eu gosto que as pessoas olhem para mim e me percebam de uma forma masculina, então foi aí que veio a revelação pra mim de que eu seria uma pessoa não binária, entende? (...)” (Liniker)

[012] “Eu já pesquisava muito sobre, eu gostava de pesquisar, mas eu não me entendia como aquilo, sabe? E eu era fissurado, assim, eu via vídeo, via um

monte de coisa, eu me identificava com as histórias, de ter uma infância assim, diferente, mas nunca passou pela minha cabeça, né? Porque o meu foco antes era minha sexualidade, gênero nunca passou pela minha cabeça, mas eu era muito interessado, pesquisava desde 2016 com 16 anos assim, eu pesquisava, via vídeo, interessava, mas não pensava que eu era aquilo. Aí depois de, não sei, chegou um ponto na universidade que a liberdade que eu tinha de conversar, acho que com o meu amigo, eu conheci ele, e tinha coisas que eu nunca tinha falado para ninguém dentro de mim e como ele me deu essa liberdade de estar me abrindo, eu comecei a me abrir com ele e fui me abrindo também.” (Marun)

[013] “Eu adoro YouTube, mas na época eu ficava muito tempo no YouTube vendo vídeo sobre isso, sobre transição, se assumir, sei lá, coisas assim porque eu não fazia ideia de como era, e aí, porque assim, eu nem sabia que dava para transição tipo com hormônio, sabe? Eu não sabia que podia tomar hormônio e tal, então eu ficava consumindo muito conteúdo desse tipo.” (Tarso)

No início do relato, [007] Liniker descreve a experiência de estudar em um colégio religioso, onde havia regras rígidas em relação à expressão de gênero e ao uso de uniforme. Nesse contexto, Liniker destaca a restrição imposta no uso de saias e a limitação até mesmo em relação às bermudas. Esse ambiente influenciou sua percepção sobre sua própria aparência e autoestima.

No primeiro ano do ensino médio em um colégio mais liberal, Liniker decide "performar feminilidade". Escolhe usar saias, adereços no cabelo e sapatos coloridos, explorando uma expressão de gênero mais feminina. No entanto, ao longo desse processo, Liniker percebe que ainda se sente desconfortável e que está forçando uma imagem que não corresponde a quem é.

Através de um youtuber trans binário, Liniker entra em contato com a temática da transexualidade e se identifica com as experiências compartilhadas. A partir desse momento, Liniker passa a se identificar como um homem trans, adotando um novo nome. Durante essa fase, realiza mudanças na aparência, como cortar o cabelo, e começa a explorar uma expressão de gênero mais masculina.

Liniker percebe que mesmo se identificando como homem trans, ainda há aspectos de sua identidade que não se encaixam plenamente nessa definição. Ao conversar com um amigo não binário, Liniker se identifica com as experiências compartilhadas e decide experimentar a identidade não binária, Liniker encontra nessa identidade uma forma de conciliar sua atração por elementos tanto femininos quanto masculinos.

Percebe-se uma conexão entre os fragmentos discursivos [009], [012] e [013] onde Marun, Tarso e Liniker falam sobre pesquisar sobre pessoas trans na

internet, especialmente através de vídeos no Youtube, a fim de compreender melhor o processo de descoberta que estavam passando.

[014] “O meu processo foi bem caótico, eu tenho muita dificuldade de tomar decisões assim, eu procuro sempre considerar todas as opções possíveis antes de tomar uma decisão, mas esse caso não teria como considerar todas as opções possíveis, né? Porque estamos falando de nome e nomes existem muitos, mas eu já gostava do meu nome antes, então, eu estava assim, naquela coisa de meu Deus, eu não tô suportando mais viver a vida do jeito que eu tô vivendo, mas eu não sei o que eu vou fazer sobre isso, (...) (Tarso)

[015] “Tinha momentos em que eu ficava muito bêbado com os amigos e eu acabava soltando, aí gente meu nome masculino é Tarso, e aí as pessoas meio que já estavam se preparando para me ouvir dizer que eu sou trans, e aí, né? Às vezes me chamavam assim pelo nome e eu achava delicioso.” (Tarso)

[016] “Aí teve um momento em que eu não tava, tipo assim, um dia antes de eu assumir eu já tava assim com a cabeça pipocando de ideias, né? Eu mandei mensagem para um colega meu que estuda lá na UFJF, que também é trans, mano tô precisando falar com você, porque tô perturbado aqui e preciso compartilhar essas coisas com alguém que pelo menos eu acho que vai me entender, e aí a gente se encontrou no ICH, ficamos conversando lá no ICH, (...) de repente se aproximaram dois amigos dele, aí cumprimentaram ele e foram me cumprimentar e eles falaram, qual que é seu nome? Aí eu olhei assim, eu não sei foi a primeira vez que eu não me apresentei com o meu nome antigo, aí eu falei, então gente o negócio é o seguinte, aí a menina, me conta. É porque eu tô entendendo como pessoa trans agora e aí eu pensei muito no nome Cassius, aí todo mundo, nossa, mas combina muito com você” (Tarso)

[017] “Para mim não foi difícil, é um pouco difícil de se acostumar, né? Assim, eu queria, eu até pensei em outros nomes, mas Laerte foi mais fácil, (...) Mas assim, para mim pelo menos é uma forma de tomar posse da minha transição, né? Porque você nasce e aí esse nome é te dado porque você é uma mulher e aí isso pra mim foi uma forma de quebrar isso, né? A questão do nome varia muito de pessoa para pessoa.” (Laerte)

Os trechos acima, ilustram que o processo de escolha do nome pode variar em termos de complexidade e emocionalidade. Algumas pessoas têm dificuldades em decisões, enquanto outras têm uma conexão imediata com um nome específico. Elementos como experiências pessoais, significados simbólicos e identificação emocional podem desempenhar um papel importante na escolha do nome. Além disso, a reação e o apoio das pessoas ao redor também podem influenciar a decisão final. Cada indivíduo carrega consigo sua história e singularidade para o processo de escolha do nome, resultando em uma decisão que reflita sua identidade de gênero e empodere sua transição.

[019] “Na minha família ainda chamam, né? Porque não estou assumido ainda, e alguns lugares públicos porque também, a maioria de quem não me conhece, né? Eu não tenho o nome trocado na minha identidade, então acabo sendo chamado e tal, é, meio que vivo uma vida dupla, assim. É meio chato isso”. (Marun)

[020] “Foi engraçado, foi trágico e cômico, ao mesmo tempo, aqui em casa, né? Como eu te disse, sou eu, duas irmãs mais novas e minha mãe, e eu tenho uma relação de proximidade com as minhas irmãs e aí eu quis contar para elas primeiro, só que eu já tava para falar com minha irmã mais nova antes de acontecer essa conversa com esse meu colega no ICH, queria abrir meu coração para ela e tudo mais, só que eu ficava nervoso, não conseguia falar e aí depois que eu tive uma conversa com ele agora, não, agora eu quero contar para ela, ela tem que ser a primeira, e ela tava na cozinha assim, arrumando um negócio para ela comer, aí eu parei no batente da porta assim, e falei Lara, preciso conversar com você, preciso te contar uma coisa, é muito importante, aí ela olhou assim no fundo dos meus olhos e falou assim, você é trans, né? Eu fiquei tipo assim, que? Como assim? Como você sabe disso? Aí ela, ah sei lá, eu te conheço e tal. Aí eu fiquei, nossa, caramba, muito bom. Aí foi de boa sabe, não foi uma surpresa, e aí depois fui falar com a outra irmã e por último falei com a minha mãe. E aí com a minha mãe também foi um momento assim de desespero porque eu não estava mais aguentando não falar, porque cada vez que eu escutava meu nome velho eu sentia uma coisa horrível dentro de mim, e aí eu fui no trabalho dela, ela trabalha aqui de perto, fui trabalho dela e mostrei um vídeo no YouTube assim de uma mamãe falando como é ter um filho trans (..), aí falei, ah e aí o que você achou? Aí ela, ah legal, né? Tem que apoiar mesmo e tal. Aí eu falei assim, então pois é, Aí ela, pois é o que? Aí eu tipo assim, sem coragem de verbalizar, né? Colocar em palavras e tal. Mas ela entendeu e a gente foi andando para casa, veio andando para casa e conversando no meio caminho ela perguntou se eu ia tomar hormônio, eu fiquei tipo, ah mãe, não sei, ainda é tudo meio novo para mim, mas eu acho que sim, eu tenho vontade e tal” (Tarso)

[021] “Hoje em dia eu tô com 20 anos, né? É, eu sou do Rio e quando eu tinha 15 anos eu morava com a minha mãe lá no Rio, né? Morei com ela a vida toda até os 15 e (...) ela nunca aceitou muito bem a questão de eu ser trans, né? Eu já passei por diversos eventos, cárcere privado, tentativa de assassinato e tudo mais, quando eu tinha 15 anos, ela me expulsou de casa, né? E aí eu vim para cá, né? Na verdade, eu possuo um pai que não era um pai presente né? Ele era alcoólatra e ele sempre foi muito agressivo com a minha mãe e acabou que eu vim aqui pra Juiz de Fora sob a guarda dele, mas ele não me colocou para morar com ele, né? Eu tinha 15 anos e vim aqui para cá só com a roupa do corpo, né? Aí durante um período quando era adolescente eu morei com meu irmão e depois eu morei em muitas repúblicas também e hoje em dia eu não tenho, né? Contato nem com meu pai nem com a minha mãe, assim, com ele e eu nunca tive contato porque ele não era um tipo de pai presente, né? É, mas teve essas situações de transfobia, né? O caso foi levado para o conselho tutelar, foi uma situação bem séria, né? Na verdade, hoje em dia eu tô entrando na justiça contra os dois e é basicamente isso”. (Laerte)

[022] “Eu tenho um irmão que ele é gay, então assim, já tinha uma introdução assim LGBT na minha família, mas também não diria que foi fácil, especialmente quando eu comecei a me identificar como um homem trans, porque justamente, porque eu fiz uma mudança muito drástica na forma de me vestir, na forma de me portar assim, então minha mãe principalmente, ela teve muito muito problema para aceitar, ela não usava os pronomes que eu queria, não usava os nomes que eu queria e ela reclamava, tipo quando eu usava roupas que não eram femininas, ela falava que tava feio, às vezes ela nem falava que tava feio, mas ela falava daquela forma: Aí, você vai sair

assim? Tipo assim: Ai, nossa, não quero que você saia dessa forma e em geral, eu tinha muitas brigas também com a minha mãe naquela época por causa disso e porque eu queria me vestir da forma que eu queria, mas eu não podia, porque nem era exatamente que eu não podia, porque eu não diria que chegou num ponto de que as pessoas fisicamente não deixavam eu usar as coisas, sabe? Mas era sempre aquela coisa de: Aí, você vai fazer isso, eu não quero que você faça isso, sabe? Era mais uma coisa mais verbal do que fisicamente de impedir de usar ou de ser o que eu queria, então assim, foi um período bem conturbado. Mas aí assim, depois que eu me identifiquei, comecei a me identificar como não binário, começou a ser mais fácil, mas infelizmente não pelas razões certas, porque foi mais porque eu mesma comecei a me abrir a performar feminilidade, então hoje em dia é muito comum você me ver usando maquiagem, usando roupas femininas e coisas assim, coisas que eu não fazia de jeito nenhum naquela época e então o assunto ficou meio esquecido, mas assim meus pais por exemplo eles ainda usam o meu nome, que a gente chama de nome morto, nome de registro". (Liniker)

Marun ainda não se assumiu para a família, mas já enfrenta desafios no ambiente público, onde é chamado pelo nome e gênero atribuídos ao nascer. Tarso teve uma experiência mais positiva, com a família aceitando sua identidade trans sem grandes problemas. Laerte, por outro lado, enfrentou violência e discriminação da família, sendo expulso de casa aos 15 anos.

O relato de Liniker também é importante, pois mostra que a identidade de gênero pode ser fluida e que as pessoas trans podem experimentar diferentes identidades ao longo da vida.

Essas diferentes experiências mostram a importância de considerar as nuances e a diversidade de vivências no contexto da identidade de gênero. Os relatos evidenciam o impacto emocional e psicológico causado pela falta de aceitação familiar, assim como a relevância do apoio e compreensão para o bem-estar das pessoas trans.

[023] "Penso, só que o problema é que, o sexo que tem na certidão ainda é binária, então assim, porque agora não é necessário recorrer a justiça, hoje é muito mais fácil para quem é binário, né? Para homem trans e mulher trans, retificar assim é muito fácil sem burocracia para colocar mulher ou homem na certidão, tanto que esse ano uma pessoa conseguiu através da justiça, colocar o sexo dela como não binário. Então é muito difícil, né? Aí por isso que eu vou esperar, requer dinheiro, requer, né?" (Marun)

[024] "(..) primeira coisa que eu fiz foi procurar a Defensoria Pública para me informar melhor sobre como fazer isso, mas logo assim, foi coisa assim de duas três semanas após a divulgação do provimento, assim que eu fui na Defensoria eles me informaram que os cartórios estão se negando a fazer a troca de nome com o pedido de atestado de hipossuficiência, né? Você vai na Defensoria Pública e quando você é baixa renda, eles emitem para você um atestado de hipossuficiência financeira para que você não precise gastar em um processo de cartório, né?"

Seja atualização de certidão e agora certidão só tem a validade de 90 dias, né? Então você precisava de levar o cartório em que você foi registrado uma lista extensa de documentação, algumas dessas documentações pagas, né? Certidão de tabelionato de processos pagas e a certidão atualizada também paga, né? E aí para mim, eu conseguiria pegar o atestado de hipossuficiência tanto para gerar essas certidões pagas, quanto para fazer a retificação no cartório, propriamente dito, mas aí me informaram que os cartórios de Juiz de Fora não estavam aceitando e que cada um ia ter que arcar com o seu. Aí eu fui buscar informação no cartório em que fui registrado, que sinceramente pra mim é pior de Juiz de Fora.

E aí chegando lá, eles sequer me deram um valor fixo, né? Eles me deram uma folha assim com a documentação, na qual eu já sabia qual era, aí eles falaram: Ah vai dar uma média de tantos reais. Só que eu fiquei assim meio confuso porque eu não tenho tantos reais, me falaram que ficaria por volta de R\$ 500,00 reais, teria que juntar esses tantos reais, dando um jeito de vender algumas coisas né? Trabalhando com a venda de doces, pedindo parentes, na época eu não tinha a bolsa que eu tenho hoje, mas depois eu falo disso. Então, assim, foi bem difícil não ter um orçamento fechado da retificação, mas aí eu por conta de problemas financeiros isso acabou sendo alongado neste período de espera para fazer a troca de documentos, teve que ser prolongado mais que eu gostaria e eu só consegui fazer a retificação agora no final de dezembro.” (Tarso)

[025] “Então, o processo de retificação em Juiz de Fora é pago, mas eu tenho uma questão: eu sou uma pessoa trans não binária, eu não me identifico nem como homem nem como mulher e a minha identidade trans é essa. Eu sou não binário e o que acontece, quando quando a gente retifica, quando a gente, só pode retificar uma vez, então se eu retificar para o sexo masculino, eu não consigo depois tentar entrar na justiça porque é a única forma que, tem alguns casos raros aqui no Brasil que você entra na justiça para tentar pedir, que seja tipo, que não põe o sexo, do que põe o sexo neutro, tem várias modalidades, né? Então eu nunca tentei, nunca corri atrás, mas é um valor muito caro a retificação, tá? É uns quinhentos reais ou mais, se você for casado chega até os mil, porque aí tem que identificar certidão de casamento.” (Laerte)

No trecho [023], Marun expõe a necessidade de recorrer à justiça para realizar a retificação do sexo na certidão. Elu ressalta a facilidade que as pessoas trans binárias têm em retificar seus documentos em comparação às pessoas trans não binárias. A existência de um sistema binário na certidão de nascimento limita a identidade de gênero das pessoas trans, dificultando a obtenção de documentos que reflitam sua verdadeira identidade.

No fragmento discursivo [024], Tarso apresenta a dificuldade enfrentada por uma pessoa trans em relação à burocracia e aos custos envolvidos no processo de retificação de documentos em Juiz de Fora. Elu destaca a recusa dos cartórios em realizar a troca de nome, mesmo com a apresentação do atestado de hipossuficiência financeira emitido pela Defensoria Pública. Além disso, menciona a necessidade de levar uma lista extensa de documentos pagos, resultando em despesas significativas para pessoas de baixa renda.

Já no trecho [025], Laerte discute a questão da identidade não binária e sua relação com o processo de retificação. Ele enfatiza a limitação de apenas uma retificação possível, o que cria um dilema para pessoas não binárias que desejam manter aberta a possibilidade de entrar com ações judiciais para obter uma identificação de gênero neutra. Além disso, destaca os altos custos envolvidos no processo de retificação, principalmente para pessoas casadas.

[026] (...) “em março de 2019 eu comecei a usar testosterona, aí eu fiquei usando injeção por bastante tempo e aí ano passado eu troquei a injeção pelo gel de uso diário, porque eu não tava gostando muito dos efeitos, né? Assim, já estava satisfeito com as mudanças que eu tinha atingido, só queria manter, estava começando a nascer muito pêlo no meu rosto, comecei a ficar muito irritado com isso, eu tenho problema sensorial seríssimo com pêlos no rosto, então assim para mim não estava dando mais. Eu também tava retendo muito líquido por conta picos de testosterona que a injeção dá, pelo menos em mim assim, e aí falei, véi, eu vou tentar outro tipo de hormônio, e aí comecei a usar o gel de uso diário, é um pouco mais chato, mais caro também, mas tá sendo ótimo para mim porque tô conseguindo manter assim, estabilidade, né? Nas mudanças físicas que eu já consegui atingir, que são as mudanças que eu almejava, gosto de ter essa aparência assim, não binária mesmo, sabe? E aí agora eu uso o gel”. (Tarso)

No excerto [026], é possível entender que o uso de hormônios é um dos passos mais importantes da transição, pois ajuda a promover as mudanças físicas desejadas. No entanto, nem sempre os efeitos dos hormônios são os esperados ou desejados. Por isso, é importante que as pessoas trans conversem com seus médicos sobre os diferentes métodos de administração de hormônios e escolham o que melhor se adapta às suas necessidades.

Além disso, pode-se inferir que Tarso está satisfeito com as mudanças que a terapia hormonal proporcionou, visto que ele menciona ter atingido as transformações desejadas.

4.2 Estrutura da UFJF em relação ao acolhimento de discentes trans

Neste tópico apresenta-se a percepção das pessoas entrevistadas sobre as suas experiências, enquanto discentes trans, na universidade. Elus relataram sobre o uso do banheiro, RU, SIGA e Carteirinha. Além disso, sobre a lista de chamada utilizada pelos docentes.

[027] (...) “a questão do uso do banheiro, eu demorei muito tempo para me sentir confortável para usar o banheiro masculino por causa dos olhares. Eu sempre fiquei na faculdade desde manhã até à noite, teve um período assim que eu trabalhava vendendo doce na faculdade, vendia brigadeiro essas coisas assim, e aí, eu chegava de manhã, tinham as aulas de manhã, almoçava, tinha algumas aulas à tarde, e aí ficava até a noite vendendo esses brigadeiros, e aí era bem complicado porque inevitavelmente eu precisava usar o banheiro em alguma situação. E aí às vezes eu me deslocava para algum instituto assim, que eu sabia que ia estar mais vazio, no horário que me dava vontade de ir ao banheiro. Sempre ia no banheiro mais afastado assim de todos, então às vezes eu ia lá no ICH e aí, ia lá no banheiro de algum bloco assim no terceiro andar, sabe? Para não ter que encontrar ninguém nos corredores e isso era muito ruim assim, de verdade, foi muito ruim”. (Tarso)

[028] (...) “o que aconteceu na faculdade, foi que eu entrei no banheiro do ICH, no banheiro masculino e aí tipo assim, o cara ficou me encarando, eu já tava lavando a mão na hora, o cara ficou me encarando, aí ele entrou no banheiro pra conferir se o banheiro era de fato masculino, né? E depois ele parou dentro do banheiro na minha frente, ficou me olhando, tipo assim esperando sair dali, sabe? (...) e lembrando que antes de eu entrar na faculdade, a UFJF já fez uma campanha, né? Libera o meu xixi, que era para tornar um espaço mais inclusivo, mas o banheiro não é um lugar que eu frequento, inclusive na UFJF, né? A pessoa estranha geralmente, assim, eu até frequento a faculdade mas eu costumo ir no para PCD, porque é só uma uma cabine, né? Porque é um ambiente de violência muito grande principalmente, eu não me importo de ir no feminino, mas eu entendo que possa, se eu fosse uma mulher trans seria diferente, né? Mas como eu sou uma pessoa trans no espectro masculino, né? Eu entendo assim, que possa ser ruim para as mulheres, mas para mim é muito difícil ir no masculino, porque eu tenho medo de sofrer um assédio um estupro, porque eu não vou entrar num lugar fechado cheio de homens e acontecer alguma coisa ninguém vai ver, sabe?”. (Laerte)

Tarso descreve como ele se sentia desconfortável usando o banheiro masculino por causa dos olhares que recebia. Ele passava o dia todo na faculdade e inevitavelmente precisava usar o banheiro em algum momento. Para evitar encontros desconfortáveis, se deslocava para um instituto mais vazio ou usava um banheiro em um bloco mais afastado.

Laerte também compartilha uma experiência semelhante. Ele relata um incidente em que foi encarado por outro homem no banheiro, a ponto de o homem verificar se estava realmente no banheiro masculino. Laerte menciona a campanha realizada pela UFJF chamada “Libera meu xixi” que tinha o objetivo de tornar os espaços mais inclusivos, mas ainda assim, ele evita usar banheiros públicos sempre que possível, optando por usar o banheiro para PCD (Pessoa com Deficiência), que é uma cabine individual.

Além disso, esses relatos ilustram a realidade vivida por muitas pessoas transgênero. O medo e a ansiedade associados ao uso de banheiros públicos podem ter impactos significativos na saúde mental e física dessas pessoas. Isso

reforça a necessidade de políticas públicas e práticas institucionais que garantam a segurança e a inclusão das pessoas transgênero em todos os aspectos da vida pública.

A campanha “Libera meu xixi” mencionada anteriormente por Laerte, se trata de uma tentativa da UFJF conscientizar todos que a frequentavam a respeitar as pessoas trans em virtude da utilização do banheiro. Para isso, foram colados cartazes nos banheiros masculinos e femininos com a seguinte frase: *“Respeito à diversidade. Na UFJF você é livre para usar o banheiro correspondente ao gênero com que se identifica. Transfobia não!”*, conforme vemos na Figura 1. A frase do cartaz foi proposta com intuito de ser educativa e pedagógica, clara e sutil, respeitando a diversidade e visando combater a transfobia (FERRARI; BEZERRA; CASTRO, 2020).

Figura 1 – Cartaz da campanha “Libera meu xixi”.



Fonte: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2015.

Essa campanha partiu de um projeto idealizado por Carol Ferrare, Thiago Ferrare e Gabriela Alves, em São Paulo, após testemunharem uma mulher transexual

ser impedida de utilizar o banheiro feminino de uma festa, e foi abraçada pela UFJF, em 2015, refletindo “o respeito da instituição à diversidade e aos diferentes modos de ser e estar no mundo” (UFJF, 2015, n.p.). A ação foi realizada pela Diretoria de Ações Afirmativas (DIAAF), da UFJF, que é o setor responsável pelas políticas públicas da universidade e por receber denúncias de discriminações e violências (FERRARI; BEZERRA; CASTRO, 2020).

Nos efeitos causados pela campanha, o enfrentamento e a tensão estiveram presentes em vários momentos, resultando, por exemplo, que o debate se prolongasse para além dos muros da UFJF, chegando à imprensa local, e nacional, Blogs e páginas de movimentos e ativistas LGBTI+, Câmara dos Vereadores, Igrejas, tornando-se até mesmo tema para questão de concurso público de vestibular (FERRARI; BEZERRA; CASTRO, 2020, p. 36).

Foi expressiva a repercussão que a campanha alcançou, infelizmente, foi inativada e não existem mais atualizações a respeito.

[029] Não tive muito contato pessoal, então eu não sei em questão de respeito, mas eu consegui mudar o meu nome bem tranquilamente, foi bem tranquilo e o único contato que eu tive foi semana passada, que eu fui arrumar o negócio da minha carteirinha, fui tirar, fui bem respeitado, foi bem legal. (Marun)

[030] Minha experiência na central de atendimento, né? Quando eu precisei desse atendimento para fazer a troca, fazer a adoção do nome social, porque assim, eu tinha o nome composto e eu fui coloquei esse nome composto lá na carteirinha e tal, e aí depois quando saiu o provimento que regulamenta a mudança de nome e gênero no registro civil, o provimento não dava autorização para uso de nome composto, e aí eu né já pensando em trocar o nome futuramente nos papéis, eu voltei na central de atendimento para poder fazer a retirada do meu segundo nome, deixar só Cassius e o sobrenome mesmo, e aí assim sempre foi muito tranquilo. (Tarso)

[031] (...) quando eu tirei a minha carteirinha do B.I, não me perguntaram, (...), eu tive o nome social e o civil na carteirinha, porque não me perguntaram, se eu queria um se eu queria outro, se eu queria os dois, agora não, agora foi diferente, quando eu fiz agora, eles me perguntaram, você quer seu nome civil, você quer seu nome social, você quer os dois? (Laerte)

[032] (...) eu cheguei lá e a moça que tava me atendendo, quando ela foi fazer todos os procedimentos lá (...) que informações que você tinha que dar que vocês tinham que fazer, mas ela perguntou a minha idade e eu falei que eu ainda não tinha 18, falei que tinha 17 (...), mas foi basicamente uma pergunta assim, deixando implícito que ela queria saber sobre como era a minha relação com isso em casa e aí eu respondi (...) que foi algo que deixou que não era muito bom, né? E ela falou que, ah, eu já tinha quase 18 anos, eu ia fazer 18 naquele ano mesmo em maio e então que não teria problema que ela ia fazer as coisas para mim mesmo sem ter essa assinatura dos meus pais, o que eu achei também uma atitude muito boa assim, porque realmente é muito difícil você cobrar esse tipo de coisa quando é uma questão tão sensível, tipo transexualidade e mudança de nome, né? (Liniker)

[29] O depoimento de Marun indica que ele teve uma experiência positiva ao mudar seu nome. Ele menciona que teve pouco contato pessoal, mas o processo de mudança, foi tranquilo e respeitoso. Ele relata que, ao arrumar sua carteirinha, foi bem tratado e teve uma experiência agradável.

[30] Tarso compartilha sua experiência na central de atendimento ao solicitar a adoção do nome social. Ele menciona que inicialmente colocou um nome composto em sua carteirinha, mas depois decidiu trocar para se adequar ao provimento que regulamenta a mudança de nome e gênero no registro civil. Tarso afirma que a central de atendimento foi sempre tranquila em relação a essas mudanças.

[31] Laerte menciona uma diferença em relação à sua experiência ao tirar a carteirinha de identidade no B.I (Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Ele relata que, quando fez isso, anteriormente, não lhe perguntaram sobre o nome civil ou social, e teve os dois nomes na carteirinha. No entanto, na ocasião mais recente, a atendente perguntou se ele queria seu nome civil, nome social ou ambos. Laerte destaca essa mudança no procedimento.

[32] Nesse trecho, Liniker compartilha uma experiência em que a atendente no processo de mudança de nome demonstrou preocupação com sua idade, uma vez que ainda não tinha 18 anos. No entanto, a atendente decidiu fazer os procedimentos mesmo sem a assinatura dos pais, já que Liniker estava prestes a completar 18 anos. Ele considerou essa atitude como positiva e compreensiva, especialmente por se tratar de um assunto sensível como a transexualidade e a mudança de nome.

[033] Posteriormente com a adoção do ensino remoto emergencial, teve a criação das salas de aulas virtuais no Google Classroom, a criação dos e-mails institucionais para todos os alunos, e aí você entrava no SIGA com seus dados, e aí optava por uma das cinco ou seis alternativas de email que é o resultado da combinação entre nome e sobrenome dos alunos, né? E aí eu fui um dos primeiros que teve acesso a isso, (...) e aí eu fui olhar as combinações eram feitas unicamente com base no nome de registro, então não tinha opção de por exemplo escolher só o meu sobrenome, né? Mais arroba estudante, ponto UFJF, ponto br, tava sempre o nome de registro aparecendo, e aí nas disciplinas em que a gente foi matriculado posteriormente, no Google Classroom por não ter a opção de trocar o nome na configuração, essa configuração ser bloqueada para os alunos, a gente não conseguia, nós alunos trans que usamos nome social na UFJF, não conseguíamos trocar o nosso nome de registro pelo nosso nome social, coisa que para mim já deveria ter vindo pronta, né? É uma coisa que já está no sistema. (Tarso)

[034] (...) quando o ensino remoto começou, apareceu os nossos nomes lá no Google Sala de Aula, né? O nome de todo mundo, começou aparecer o nome civil de todas as pessoas trans que não eram retificadas, apareceu para todos os alunos, você tem noção o quanto isso é uma abertura para sofrer transfobia? (Laerte)

Em [033], Tarso relata sua experiência durante a adoção do ensino remoto emergencial, onde foram criadas salas de aulas virtuais no Google Classroom e e-mails institucionais para os alunos. Ele menciona que, ao entrar no SIGA (Sistema Integrado de Gestão Acadêmica), os alunos tinham a opção de escolher uma das combinações de e-mail disponíveis, que eram baseadas no nome de registro. Destaca que não havia a opção de escolher apenas o sobrenome e que o nome de registro sempre aparecia nas combinações de e-mail. Além disso, ele menciona que no Google Classroom, os alunos não conseguiam trocar o nome de registro pelo nome social nas disciplinas em que foram matriculados. Tarso expressa a opinião de que essa opção de usar o nome social já deveria estar disponível no sistema.

[034] Laerte menciona que, quando o ensino remoto começou, os nomes civis de todas as pessoas trans que não haviam feito a retificação de nome apareceram no Google Sala de Aula. Ele expressa preocupação com o fato de que essa exposição dos nomes civis, pode abrir espaço para a transfobia e criar situações desagradáveis para as pessoas trans.

[035] E aí eu vi, teve uma movimentação no Twitter nessa época, comentei com outros alunos a respeito disso, tinha colegas meus que não estavam sabendo disso e aí começamos a encher assim eu não lembro se foi a CDARA, se foi a central de atendimento, mas houve uma troca de e-mail bastante intensa nesse período da gente pedindo explicação, né? Porque isso estava acontecendo e apareceu um grande número de pessoas assim querendo processar a UFJF por conta disso e tal, mas é sempre a mesma coisa, sempre tem aquele choque de ver o desrespeito acontecendo, e aí logo em seguida, aquele congelamento, né? Então a UFJF resolveu o problema, né? Colocou as opções no SIGA de acordo com nosso nome real, posteriormente (...) eles abriram a configuração, a gente trocou manualmente, cada um pelo dispositivo móvel. (Tarso)

[036] Eu não lembro se eles deram o meu e-mail, ele tava com meu nome social, só que antes disso quando entrou, a gente recebeu um e-mail automático, depois a gente podia mudar e aí a gente recebia um e-mail automático. (...) aí a gente teve que se mobilizar para que o sistema parasse de puxar o nome civil, depois que parou de puxar o nome civil, aí eu consegui mudar o e-mail e tudo mais, mas independente da questão do e-mail, ele já puxou o nome civil que aparece lá alunos, aí aparecia o seu nome civil, não aparecia o seu nome social e como isso é uma coisa que todos os alunos têm acesso isso foi exposto para todo mundo, todo mundo que estava na sua sala de aula conseguiria ver que estava lá o nome civil. (Laerte)

Em [035], Tarso relata que houve uma movimentação no Twitter em relação ao uso incorreto dos nomes no contexto da UFJF. Ele menciona que, após discutir o assunto com outros alunos, começaram a enviar e-mails para a CDARA ou para a central de atendimento, pedindo explicações sobre a situação e expressando a insatisfação com o desrespeito ocorrido. Ele menciona que várias pessoas demonstraram interesse em processar a universidade por esse motivo. Tarso destaca o impacto emocional de testemunhar a falta de respeito, mas também menciona que a UFJF resolveu o problema, permitindo que os alunos escolhessem as opções no SIGA de acordo com seus nomes reais. Posteriormente, abriram a configuração para que cada aluno pudesse fazer a troca manualmente, usando dispositivos móveis.

Já Laerte [036], menciona que, quando o e-mail com o nome social foi disponibilizado, eles receberam um e-mail automático e, posteriormente, puderam fazer a mudança. No entanto, antes dessa alteração, o sistema exibia o nome civil de todos os alunos em vez do nome social, o que se tornou visível para todos na sala de aula. Laerte menciona a necessidade de mobilização para corrigir essa questão e garantir que o sistema parasse de exibir o nome civil. Somente após essa correção, Laerte conseguiu mudar o e-mail e outras informações. Ele ressalta a exposição causada pelo sistema, já que todos os alunos tinham acesso ao nome civil em vez do nome social.

[037] E aí, às vezes eu escutava o meu nome na chamada nas primeiras aulas e fazia de bobo, fingia que não estava nem ouvindo. E aí no final da aula eu tinha que ir à mesa do professor para comunicar, né? Qual era a situação. E assim dentro da UFJF tanto no começo quanto agora assim, hoje em dia, né? Eu falo que assim, o tipo de atendimento que você vai ter é questão de sorte, sabe? Infelizmente é questão de sorte, existem alguns institutos que vão ser mais tranquilos, que nem não vão te perguntar nada, que você vai passar despercebido, que pra mim assim o sonho é passar despercebido, né? Ser só mais um ali no meio da multidão, não precisar ficar me justificando muito, e às vezes isso acontece, mas às vezes isso não acontece, então assim, tem horas que você dá sorte de encontrar um professor que não vai nem tocar no assunto com você, porque às vezes acontece de você ser colocado como referência assim sabe, de alguma coisa, isso é um pouco incômodo às vezes, porque você realmente só quer ficar ali tranquilo, quietinho, estudando de boas. (Tarso)

[038] (...) mas eu acho que a situação mais incômoda para mim foi dentro de sala de aula, passar um semestre inteiro falando com professor, todo final de aula falando com o professor que eu era uma pessoa trans e o professor insistentemente me tratar no feminino assim, sabe? Pra mim foi mais desagradável. (Tarso)

[039] (...) eu tive uma professora no direito, em contrapartida, que foi maravilhosa comigo assim, foi a primeira aula em que fui usando nome social

e aí aconteceu isso de ela me chamar pelo nome de registro, porque a lista de chamada não tinha sido atualizada, e falar com ela sobre isso depois e ela ser assim, muito tranquila, e aí depois também ela tava em espaços assim de conversa sobre vivências trans dentro da UFJF, as vezes quando acontecia algum assunto assim, mesmo que não na hora especificamente ela sempre buscava me ouvir em relação a essas coisas, sabe? Eu achava isso muito bacana porque ela mostrava que assim ela não tinha, não era expert no assunto, sabe? Mas que tava ali para aprender numa boa sem demonstrar aquele pânico que algumas pessoas têm de conversar com a gente como se estivesse pisando em ovos, sabe? (Tarso)

[040] (...) a maioria dos professores não sabem como se posicionar na hora que o aluno trans sofre transfobia, por exemplo eu digo assim, no meu primeiro período do serviço social, eu tive uma professora que ela foi a única professora que eu de fato me sentia confortável para falar e me posicionar na aula dela, (...) porque ela tinha uma postura comigo em relação à população trans que era muito diferente, por exemplo, teve um dia que ela me chamou de (...), né? E aí eu mandei um e-mail para ela explicando que eu era Trans e pedindo para para ela prestar atenção nisso, porque acabava que podia outros alunos que praticam transfobia, podiam levar isso em conta para falar alguma coisa comigo e tudo mais, e ela foi, me pediu desculpa e se colocou numa posição de tipo assim, olha, eu sou sua aliada então assim, eu me sentia muito confortável, né? Num curso de Ciências Humanas, é um curso de muito debate e ela era uma das poucas aulas que de fato eu me sentia confortável para me posicionar, porque eu sabia que não só ela iria me respeitar, como se tivesse alguma situação de desrespeito dentro de sala de aula, ela iria se posicionar ao meu favor e isso era muito importante, porque você estar numa sala de 80 anos e o professor não fazer nada, né? (Laerte)

[041] Fui atacado verbalmente algumas vezes na UFJF, onde seus alunos por muitas vezes, acreditam ou vivem a realidade que a afirmação de gênero preciso ser feita e pior ainda, ser feita de modo agressivo a ponto de chocar a realidade do próximo, sendo que por muitas vezes, o ser humano não cis gênero quer apenas paz e viver o seu “mundinho” normalmente. Tirando olhares estranhos de professores que acabam por trazer uma menor oportunidade/possibilidade em conseguir estágios, bolsas acadêmicas, iniciação artística (meu caso) etc... (Erica)

No excerto [037], Tarso relata experiências em sala de aula em que seu nome de registro é usado pelos professores, mesmo após ter comunicado sua identidade de gênero como pessoa trans. Ele descreve a situação como desconfortável e destaca que preferiria passar despercebido, sem a necessidade constante de justificar sua identidade. Tarso menciona que o tipo de atendimento recebido na UFJF, é uma questão de sorte, com alguns professores não abordando o assunto, enquanto outros o colocam como uma referência ou não atualizam a lista de chamada adequadamente.

Já Laerte, no fragmento discursivo [040], menciona a importância de ter professores que se posicionem e sejam aliados de pessoas trans. Ele relata um exemplo positivo, com uma professora de Serviço Social, com quem se sentia confortável, para se posicionar e discutir questões relacionadas à identidade de gênero. Essa professora, demonstrou disposição, para aprender e ouvir, sem

demonstrar medo ou desconforto ao abordar tópicos relacionados à vivência trans. Laerte destaca a importância de ter um ambiente seguro em sala de aula, onde o professor defenda e apoie os alunos trans diante de situações de transfobia.

No excerto [005] verifica-se o relato de experiências negativas de Erica na UFJF, envolvendo ataques verbais e agressões relacionadas à sua identidade de gênero. Erica menciona que alunos da universidade muitas vezes acreditam que a afirmação de gênero precisa ser feita de forma agressiva, o que afeta negativamente a realidade e o bem-estar dos indivíduos trans. Erica destaca que as pessoas trans desejam apenas paz e a oportunidade de viver suas vidas normalmente.

Além disso, Erica menciona olhares estranhos de professores, que podem resultar em menor acesso a oportunidades como estágios, bolsas acadêmicas e iniciação artística. Essas atitudes dos professores podem afetar a vida acadêmica e profissional de Erica, limitando suas chances de crescimento e desenvolvimento.

Esses trechos, destacam desafios enfrentados por pessoas trans na universidade, como o uso incorreto dos nomes, a falta de compreensão por parte de alguns professores e a necessidade de se posicionar e se defender em um ambiente de aprendizado. Ao mesmo tempo, também mostram exemplos positivos de professores que se esforçam para compreender, respeitar e apoiar os alunos trans, criando um ambiente mais inclusivo e seguro.

Além disso, essas experiências evidenciam a existência de preconceito e discriminação dentro do ambiente universitário, que afetam diretamente a vivência e as oportunidades das pessoas trans. Essas situações também ressaltam a importância de promover um ambiente inclusivo e seguro nas instituições de ensino, onde todos os estudantes tenham igualdade de oportunidades e se sintam respeitados em sua identidade de gênero

[040] (...) dentro da Coordenação do Ru já teve situação assim de o funcionário olhar meu nome no sistema ver que eu uso o nome social, pegar meu documento de identidade e mesmo assim me chamar pelo nome do documento de identidade de uma forma bem insistente, sabe? (Tarso)

No fragmento discursivo acima, Tarso descreve uma situação em que um funcionário da Coordenação do Restaurante Universitário (RU) agiu de forma desrespeitosa em relação ao uso do nome social. Ele relata que, apesar de seu nome social estar registrado no sistema, o funcionário insistiu em chamá-lo pelo nome do documento de identidade.

Essa situação é um exemplo de desrespeito à identidade de gênero e ao direito de usar o nome social, refletindo o desrespeito e a falta de preparo dos funcionários, sejam servidores, sejam terceirizados. O nome social é uma maneira pela qual pessoas transgênero ou não em conformidade com o gênero binário que podem ser identificadas de acordo com sua autoidentificação, mesmo que seu nome civil não corresponda a essa identidade. Esse relato evidencia a necessidade e importância de a universidade proporcionar capacitação aos seus trabalhadores terceirizados ou vinculados a empresas prestadoras de serviços, de forma que esses profissionais estejam mais bem orientados e preparados para atender com qualidade e respeito à comunidade LGBTQIA+ e, especialmente, às pessoas trans.

Dessa forma, nota-se a necessidade de implementação de políticas públicas na universidade, com intuito de preparar os servidores para um atendimento adequado, principalmente voltado para pessoas transgênero, que possuem particularidades como o nome social e o pronome de tratamento, negligenciados pela sociedade como um todo. A universidade deveria ser um ambiente seguro para estudantes, não apenas seguro em termos de espaço físico, mas seguro em relação a se expressar e ser respeitado. O medo da violência – física, verbal, psicológica – impede, muitas vezes, pessoas transgênero de buscarem seus direitos, de se comunicarem no espaço acadêmico. O medo inibe e afasta, podendo tornar a evasão acadêmica algo real e com grandes proporções.

[041] (...) o tipo de atendimento que você vai ter é questão de sorte, sabe? Infelizmente é questão de sorte, existem alguns institutos que vão ser mais tranquilos, que nem não vão te perguntar nada, que você vai passar despercebido, (...) tem horas que você dá sorte de encontrar um professor que não vai nem tocar no assunto com você, porque às vezes acontece de você ser colocado como referência assim sabe, de alguma coisa, isso é um pouco incômodo às vezes, porque você realmente só quer ficar ali tranquilo, quietinho, estudando de boas. (Tarso)

No trecho acima, Tarso afirma que o tipo de atendimento que uma pessoa trans terá é uma questão de sorte, indicando que nem todos os lugares ou profissionais são igualmente sensíveis ou respeitosos em relação às questões que podem surgir em torno da identidade de gênero. Essa análise, destaca a importância de promover um ambiente inclusivo, em todas as instituições, garantir que os profissionais estejam preparados para lidar com as necessidades e realidades das pessoas transgênero ou não conformes com o gênero binário. O objetivo é criar um ambiente em que todos

possam estudar, sem enfrentar discriminação ou constrangimento relacionados à sua identidade de gênero.

5 CONCLUSÃO

A presença de pessoas trans nas universidades é um avanço significativo em termos de inclusão e diversidade. No entanto, como pudemos notar, esses estudantes ainda enfrentam diversas dificuldades, como discriminação, preconceito, falta de compreensão por parte dos funcionários e demais membros da comunidade acadêmica, bem como de suas próprias famílias, em alguns casos.

De acordo com o objetivo geral, o qual é, entender, no discurso dos discentes transgêneros matriculados na UFJF, elementos expositivos que indiquem como é a inclusão destes alunos e alunas no ambiente universitário, é necessário que haja a implementação de ações afirmativas. A principal, seria a capacitação abordando temas como conceitos básicos de gênero e identidade de gênero, terminologia adequada, políticas de inclusão e igualdade voltado para os professores e demais funcionários do Campus. Além disso, a criação de um Comitê de Diversidade e Inclusão, que contenha representantes da comunidade transgênero, para monitorar a inclusão, coletar feedback e revisar políticas.

Para os objetivos específicos os quais são, identificar como a universidade se prepara para receber os discentes transgênero e entender a qualidade da vivência institucional desses discentes através dos relatos de suas experiências no ambiente acadêmico. Podemos relacionar as seguintes ações afirmativas:

- **Orientações e Workshops de Sensibilização:** Realizar workshops regulares de sensibilização para docentes, funcionários e colegas estudantes sobre questões de identidade de gênero e implementar sessões de orientação específicas para estudantes trans antes do início das aulas.
- **Política de Acesso Equitativo:** Estabelecer uma política que garanta o acesso igualitário a todas as instalações universitárias, incluindo dormitórios, banheiros e instalações esportivas, independentemente da identidade de gênero dos estudantes.
- **Apoio Psicológico Específico:** Oferecer serviços de aconselhamento e apoio psicológico com profissionais treinados em questões de identidade de gênero para auxiliar estudantes transgêneros na adaptação e enfrentamento de desafios.

- Grupos de Apoio e Mentoria: Estabelecer grupos de apoio para estudantes transgêneros, nos quais eles possam compartilhar experiências e fornecer mentoria para novos estudantes.
- Monitoramento e Avaliação Contínuos: Continuar monitorando a inclusão e a experiência dos estudantes transgêneros por meio de pesquisas regulares e grupos focais para identificar áreas que necessitam de melhoria.
- Sistema de Cotas Interno: Criar vagas específicas com bolsas de monitoria, de iniciação científica e de projetos em geral, daria mais visibilidade e inclusão para essas pessoas no âmbito acadêmico.

Portanto, ao implementar essas ações, a universidade fortalecerá sua cultura institucional de inclusão e respeito, contribuindo para a criação de um ambiente acolhedor e enriquecedor para todas as pessoas. Além disso, essas iniciativas demonstram o compromisso da instituição com a igualdade de oportunidades, fortalecendo sua imagem e inspirando outras universidades e comunidades a seguirem o mesmo caminho

Por fim, sugere-se a realização de mais estudos que possam favorecer a compreensão de todos os fenômenos sociais que envolvam ou sejam vivenciados pelas pessoas transgênero, de forma a se encontrar e construir maneiras mais adequadas para a mitigação e/ou eliminação dos preconceitos e demais violências que as vitimizam em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, B. G. **Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://antrabrazil.org/assassinatos/>>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BIONDINI, E.; PINATO, F.; BENGTON, J. Resolução no 12, de 16 de janeiro de 2015, do **Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais**. , fev. 16DC. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/87749317/dou-secao-1-12-03-2015-pg-3>>. Acesso em: mar. 2023.

FARIAS, E. **Um (longo) caminho para a saúde universal**. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz, Rio de Janeiro, 27 jan. 2023. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/um-longo-caminho-para-a-saude-universal>. Acesso em: 23 jul. 2023.

FAUZE NAJIB MATTAR. Pesquisa de marketing. São Paulo: **Atlas**, 2014.

FERRARI, A.; BEZERRA, C. S.; CASTRO, R. P. Tensões e enfrentamentos na campanha “Libera meu xixi” e a presença de pessoas trans na universidade. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 8, n. 2, p. 21-45, 2020.

GONÇALVES, A. O. Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da “cura gay”. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 175-199, 2019.

GUIZZO, Bianca; FELIPE, Jane. **Avanços e retrocessos em políticas públicas contemporâneas relacionadas a gênero e sexualidade: Entrelaces com a educação**. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, 37., **Anais...** Florianópolis/SC:

ISMERIM, F. Erika Hilton apresenta projeto que propõe cotas para transexuais e travestis no ensino superior. **CNN Brasil**, São Paulo, 19 jul. 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas intersexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed.** Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

LAU, H. D. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não- binárias na língua portuguesa: a voz “del@s” ou “delxs”? Não! A voz “delus”! In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL, 5., 2017, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual, 2017.

MALHOTRA, NK Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada . [sl] **Harlow, Inglaterra Pearson**, 2019.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Diversidade e ações afirmativas: combatendo as desigualdades sociais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

OLIVEIRA, V. **Não há vagas... Para Trans! JusBrasil**, 19 Mar. 2022. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/nao-ha-vagas-para-trans/697636738>>. Acesso em: 3 2023

PADILHA, V. B.; PALMA, Y. A. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11.; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: [s.n.], 2017.

PEDRA, C. B. **CIDADANIA TRANS: O ACESSO À CIDADANIA POR TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO BRASIL**. CURITIBA - PR: APPRIS, 2020.

SAMPIERI; COLLADO; LUCIO. Metodologia de Pesquisa. [s.l.] **Penso Editora**, 2013.

SIMAKAWA, V. V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. p. 213– 214, 12 jul. 2016.

SOUSA, A. R. d., Oliveira, J. A. d., Almeida, M. R. d., Pereira, Á., Almeida, É. S., & Escobar, O. J. V. (2021). Implementação da política nacional de atenção integral à saúde do homem: desafios vivenciados por enfermeiras. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 55. <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2020023603759>

STEWART, C. J.; CASH, W. B. Técnicas de Entrevista: Estruturação e Dinâmica para Entrevistados e Entrevistadores - 14. ed. [s.l.] **AMGH Editora**, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Libera meu xixi: UFJF lança campanha em prol do respeito à diversidade. **Portal UFJF**, Arquivo de notícias, Juiz de Fora, 25 nov. 2015. Disponível em: <https://www.ufjf.br/arquivodenoticias/2015/11/libera-meu-xixi-ufjf-lanca-campanha-em-prol-do-respeito-a-diversidade/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/?p=79639>>. Acesso em: 15 mar. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/avancos-e-retrocessos-em-politicas-publicas-contemporaneas-relacionadas--genero-e>. Acesso em: 23 mar. 2020.

UWE FLICK; NETZ, S. Uma introdução à pesquisa qualitativa. [s.l.] **Porto Alegre Bookman**, 2007.

VIANA, C. P. et al. **A vivência de estudantes transgênero na universidade**. São Paulo, 1º Outubro de 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/tqwsFwjhL93ZprfS3cbrzZb/>>. Acesso em: 30/03/2023

VIEIRA, D. D. and Brito, L. T. d. A. (2022). Análise do discurso das orientações curriculares para o ensino médio – ocm: currículo, interpelação ideológica e ensino de literatura. *Revista Educação E Linguagens*, 11(22), 93-114. <https://doi.org/10.33871/22386084.2022.11.22.93-114>

YIN, R. K. Estudo de caso. [s.l.] **Porto Alegre Bookman**, 2003.